

## **Autodeterminação das Massas em uma Sociedade “Abigarrada”: René Zavaleta Mercado e as bases para um marxismo renovado na Bolívia**

*Rodrigo Santaella Gonçalves<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo introduzir as formulações teóricas de René Zavaleta Mercado, um autor boliviano que tem sido ignorado no contexto brasileiro. Além disto, o artigo destaca duas categorias fundamentais de sua obra: “autodeterminação das massas” e “sociedade abigarrada”. Além de apresentar suas proposições teóricas, é feita uma reflexão sobre sua relevância para o marxismo latino-americano e para a compreensão de situações contemporâneas.

**Palavras-chave:** Sociedade abigarrada. Autodeterminação das massas. Marxismo latino-americano.

## **Autodeterminación de las Masas en una Sociedad “Abirragada”: René Zavaleta Mercado y las bases para un marxismo renovado en Bolivia**

### **Resumen**

El objetivo de ese artículo es introducir la producción teórica de René Zavaleta Mercado, un autor boliviano que ha sido ignorado en el contexto brasileño. Asimismo, en el presente artículo se destacan dos categorías fundamentales de su obra: “autodeterminación de las masas” y “sociedad abigarrada”. Además de presentar su propuestas teóricas, se hace una reflexión sobre su importancia para el marxismo latinoamericano y para la comprensión de las situaciones contemporâneas.

**Palabras clave:** Sociedad abigarrada. Autodeterminación de las masas. Marxismo latinoamericano.

## **Masses Self-Determination in a “Abirragada” Society: René Zavaleta Mercado and the bases for a renewed Marxism in Bolivia**

### **Abstract**

The aim of this articule is to introduce the theoretical propositions of René Zavaleta Mercado, a Bolivian author who has been ignored in the Brazilian context. Besides that, the article highlights two fundamental categories of his work: “masses self-determination” and “abigarrada society”. Beyond presenting his theoretical propositions, it is provided a reflection on their relevance for Latin-American Marxism and for the understanding of contemporary situations.

**Keywords:** Abigarrada society. Masses self-determination. Latin-American Marxism.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, orientado pelo professor Álvaro Bianchi. Membro do grupo de estudos de História do Pensamento Político Marxista Latino-Americano, vinculado ao Centro de Estudos Marxistas (CEMARX). Atualmente investiga a produção teórica do grupo Comuna, na Bolívia, e suas consequências teóricas e políticas no país andino e na América Latina. Correio eletrônico: [rodrigossantaella@yahoo.com.br](mailto:rodrigossantaella@yahoo.com.br).

## **Introdução: produção teórica e categorias fundamentais de Zavaleta Mercado**

Num contexto no qual ocorresse uma rica interlocução entre a produção de conhecimento crítico, e mais especificamente conhecimento marxista, entre os países latino-americanos, seguramente não seria necessário introduzir este debate justificando a importância do autor e dos temas aqui abordados, e poderia passar-se diretamente ao recorte deste artigo. Entretanto, num cenário acadêmico e político no qual o Brasil, em grande medida, permanece “de costas” para o resto da América Latina, algumas palavras introdutórias acerca da trajetória de René Zavaleta Mercado e de porquê ser tão necessário estudar sua obra para os marxistas latino-americanos, fazem-se necessárias.

René Zavaleta (1935-1984), boliviano, sociólogo e militante político, foi um dos marxistas latino-americanos mais importantes do século XX. Na Bolívia, sua obra influenciou decisivamente os rumos do marxismo, sendo objeto de teses e de diversos estudos, e tendo resultado em alguns “continuadores” entre os intelectuais marxistas bolivianos mais importantes da atualidade, como Luis Tapia e Álvaro García Linera, que mesmo não debatendo especificamente o pensamento de Zavaleta, utilizam suas categorias e arcabouço teórico para pensar a realidade social contemporânea na Bolívia. No México, onde Zavaleta viveu exilado os últimos anos de sua vida – e o período mais rico de sua produção teórica – sua obra também tem sido objeto de estudos há algum tempo. Entretanto, no resto da América Latina, e particularmente no Brasil, Zavaleta é pouquíssimo estudado e em muitas universidades sequer conhecido, a despeito da riqueza, complexidade e a importância potencial que sua obra tem para a produção teórica marxista no continente, e em certa medida em todos os países subalternos do planeta.

Influenciado principalmente por Marx, Lenin e Gramsci, mas também por autores da Escola de Frankfurt e em menor medida, pela escola neohegeliana, Zavaleta debatia os problemas da ciência política contemporânea a partir das realidades concretas de alguns países latino-americanos com os quais sua experiência de vida lhe permitiu mais contato direto, especialmente a Bolívia. Sua produção teórica e política pode ser dividida em pelo menos três períodos: um primeiro de nacionalismo revolucionário, no qual Zavaleta militava no MNR, partido que governou o país após a revolução de 1952; o período no qual rompe com o MNR e se filia teórica e definitivamente ao marxismo, que começa com a produção de *El poder dual*, de 1974; e, por fim, um terceiro período que vai desde a crise de 1979 até o ano de sua morte, 1984, no qual

Zavaleta, já com o marxismo totalmente internalizado, produz teoria a partir da análise da realidade boliviana, ou seja, produzi um conhecimento marxista local, “nacionalizando” o marxismo, para usar uma expressão de Luis Tapia (GIL, 2006; TAPIA, 2002).

Pode-se dizer que as preocupações mais gerais de Zavaleta estão relacionadas à caracterização detalhada e complexa da sociedade boliviana, por um lado, e a partir disso da elucidação do que viria a ser o sujeito coletivo atuante e com potencial político de modificar radicalmente a sociedade boliviana. O que marca, como fio condutor, toda a construção marxista em sua obra, é a preocupação em utilizar-se da teoria geral marxista para analisar a realidade em toda sua complexidade, movimentando e desenvolvendo esta teoria, e não buscando adequar a realidade aos esquemas manualescos produzidos por algumas vertentes do marxismo oficial.

Neste artigo serão debatidas principalmente a fecundidade e as consequências teóricas e políticas de dois conceitos relacionados a essas preocupações produzidos neste último – e considerado aqui o mais rico – período da produção teórica de René Zavaleta: o de “autodeterminação das massas” e o de “sociedade abigarrada”. Entretanto, com o intuito de não recortar aleatoriamente fragmentos do processo de produção de conhecimento na obra de Zavaleta, serão apresentados brevemente nesta introdução outros conceitos de sua obra, relacionados em grande medida com os que serão debatidos, e que auxiliam na compreensão da evolução do pensamento do autor, além de contribuírem muito para a interpretação das sociedades latino-americanas.

Um dos fatores que chama bastante atenção no estudo da obra de Zavaleta é que em um contexto de entusiasmo generalizado com as duas vertentes principais da teoria da dependência, a partir de fins da década de 1960, ele não se inscreveu de forma acrítica nessa tradição (SALA, 2006), elaborando instrumentos teóricos para analisar as formas particulares de articulação entre a sociedade civil e Estado nos países latino-americanos, mostrando que essas formas, relacionadas à história e aos modos de vida das sociedades de cada país, determinavam em grande medida o tipo de dependência e de dominação imperialista que vigorava em cada um destes.

Neste sentido, ao longo de sua obra, Zavaleta elaborou a noção de “forma primordial”, que seria o mote para uma estratégia explicativa que não deixasse de lado a especificidade histórica, política, social e econômica de cada sociedade, num contexto dependente. O conceito de forma primordial, apesar de ter sido utilizado e desenvolvido ao longo de várias de suas obras, foi sistematizado apenas em 1982, em um artigo intitulado “Problemas da determinação dependente

e a Forma Primordial”. Nele, o autor analisava como o projeto imperialista dos Estados Unidos para a região latino-americana era homogêneo e único, enquanto que as formas de implementação e as consequências em cada uma das sociedades do subcontinente foram sentidas de maneira bastante diferente. De forma sintética, a forma primordial pode ser definida como a maneira particular de articulação entre a sociedade civil e o Estado em cada sociedade; ela define um grau variável, mas sempre existente, de autodeterminação - justamente o que nega a dependência absoluta (ZAVALETA MERCADO, 1982).

A percepção da existência dessas formas particulares de articulação entre Estado e sociedade civil é parte de uma preocupação constante em Zavaleta, e diz respeito à particularidade das sociedades ex-coloniais que tiveram tempos diferenciados de implementação do capitalismo, mas que, ao mesmo tempo, estão relacionadas com os modos gerais de dominação econômica, política e cultural, característicos deste sistema. Neste sentido, duas outras categorias elaboradas pelo autor merecem destaque por sua importância para a análise das sociedades latino-americanas.

A primeira é a de *momento constitutivo*, que trata de momentos-chave da história dessas sociedades, em geral crises gerais ou guerras, acontecimentos profundos que fundam o modo de ser de uma sociedade por um longo período (ZAVALETA MERCADO, 1986). Trata-se, portanto, de momentos nos quais se forja o que pode ser chamado de um subconsciente coletivo.

Hay un momento en que las cosas comienzan a ser lo que son y es a eso a lo que llamamos el momento constitutivo ancestral o arcano o sea su causa remota, lo que Marc Bloch llamó la “imagen de los orígenes”. Este es el caso, por ejemplo, de la agricultura o domesticación del habitat en el Ande; lo es también, para el caso señorial, la Conquista. Ambos son momentos constitutivos clásicos; tenemos, de otro lado, el momento constitutivo de la nación (porque una sociedad puede hacerse nacional o dejar de serlo) y, por último, el momento constitutivo del Estado, o sea la forma de la dominación actual y la capacidad de conversión o movimiento de la formación económico social. (ZAVALETA, 1990, p. 180)

O conceito de momento constitutivo se relaciona com crises nas sociedades “abigarradas” e complexas como as latino-americanas, porque é justamente nos momentos de crise geral dessas sociedades quando pode ocorrer um encontro, uma condensação das diversas partes dessa sociedade que, no cotidiano, não se encontram.

Aparece, então, outra característica importante no pensamento de Zavaleta, que é a percepção das crises gerais como momentos de potencial autoconhecimento nestas sociedades. Para ele, as crises são a “forma de unidade patética” da diversidade, porque se trata do único tempo comum às diversas formas de organização social existentes no seio das sociedades que são ex-colônias, nas quais convivem diversos modos de produção, tempos históricos etc. Sendo assim, por um

lado, as crises funcionam como momento de autoconhecimento e, por outro, como momento nacionalizador, criador de certas unidades em uma diversidade que conta com pouquíssimos espaços de encontro e síntese em períodos de ‘normalidade’.

Relacionado mais diretamente à preocupação de Zavaleta com a formação concreta do sujeito político coletivo na Bolívia, destaca-se a segunda categoria importante desenvolvido pelo autor: *acumulação no seio da classe*. Esta categoria é coerente com o fio condutor de toda sua produção marxista, utilizando a teoria geral para analisar concretamente as situações específicas apresentadas pela complexa realidade das sociedades provenientes de ex-colônias, como a boliviana. Já na primeira obra estritamente marxista do autor, o conceito de acumulação no seio da classe estava presente, caracterizando as diferenças entre as classes trabalhadoras chilenas e bolivianas: enquanto a chilena se voltava para uma disputa mais estatal, a partir do acúmulo de suas experiências anteriores e com base nas características do estado chileno; a boliviana buscava sempre poderes paralelos ao Estado, como nos momentos posteriores à revolução nacional de 1952 e na Assembleia Popular de 1971 (ZVALETA MERCADO, 1977, p.11).

Zavaleta (1983, p. 231) utilizava o conceito para descrever a relação entre “memória coletiva, supressão-consagração e enunciação ativa” na classe, como uma metáfora referida aos mecanismos de seleção positiva e negativa no âmbito dos movimentos coletivos de conhecimento. A importância deste tipo de categoria reside no fato de que ela permite observar a importância da construção concreta da classe na história, desde como se forma a consciência de uma determinada classe em um determinado período histórico, a com influencia seus métodos de luta, demandas e, principalmente, seu potencial para revolucionar a sociedade existente.

### **Sociedade “abigarrada” e autodeterminação das massas: a complexificação do marxismo em Zavaleta**

A esses conceitos citados anteriormente, e relacionados a eles, se somam os dois que são objeto deste artigo, o de *sociedade abigarrada* e o de *autodeterminação das massas*.

O *abigarramiento*, para Zavaleta, é muito mais do que a característica de uma sociedade multicultural, ou mesmo heterogênea, no que diz respeito à diversidade de modos de produção existentes em um mesmo período histórico, referindo-se a contextos sociais nos quais convivem, simultaneamente, mais de um tempo histórico. Isto implica não apenas na coexistência de modos de produção distintos, mas também de várias relações sociais jurídicas em um mesmo momento e

território (TAPIA, 2002). É um conceito, portanto, forjado para analisar sociedades complexas que foram formadas parte na dominação colonial e fizeram parte do desenvolvimento capitalista.

Si se dice que Bolivia es una formación abigarrada es porque en ella no sólo se han superpuesto las épocas económicas (las de uso taxonómico común) sin combinarse demasiado, como si el feudalismo perteneciera a una cultura y el capitalismo a otra y ocurrieran sin embargo en el mismo escenario o como si hubiera un país en el feudalismo y otro en el capitalismo, superpuestos y no combinados sino en poco. Tenemos, por ejemplo, un estrato, el neurálgico, que es el que proviene de la construcción de la agricultura andina o sea de la de la formación del espacio; tenemos de otra parte (aun si dejamos de lado la forma *mitimae*) el que resulta del epicentro potosino, que es el caso mayor de descampesinización colonial; verdaderas densidades temporales mezcladas no obstante no sólo entre sí del modo más variado, sino que también con el particularismo de cada región porque aquí cada valle es una patria, en un compuesto en el que cada pueblo viste, canta, come y produce de un modo particular y hablan lenguas y acentos diferentes sin que unos ni otros puedan llamarse por un instante la lengua universal de todos. (ZAVALETA MERCADO, 1983, p.16)

O autor chega a essa caracterização, portanto, percebendo que na Bolívia existem diversas culturas, modos de produção e sistemas legais diferentes. Percebe, ainda, que o Estado sempre foi organizado de maneira monolítica, representando apenas um desses sistemas totalizadores: o moderno-capitalista. O Estado oficial, portanto, não representa e nem engloba todos os setores da sociedade, nem sequer para organizar a exploração do proletariado. As comunidades indígenas andinas não se reconhecem naquele Estado, e este por sua vez tem poucos mecanismos de fazer-se reconhecer por elas. Zavaleta elabora, então, a noção de Estado aparente para denotar as debilidades do Estado moderno em um contexto social como o boliviano. Trata-se de um “un poder político jurídicamente soberano sobre el conjunto de un determinado territorio, pero que no tiene relación orgánica com aquellas poblaciones sobre las que pretende gobernar” (TAPIA, 2002, p. 306).

A ideia de formação social abigarrada, em Zavaleta, provém do conceito de formação econômico-social, cunhado pelo marxista italiano Emilio Sereni. Este conceito descreve situações sociais nas quais coexistem vários modos de produção articulados a partir de um modo de produção dominante – o capitalista – que não extingue os demais, mas os subjuga diante de seu projeto de autorreprodução. O conceito de Sereni refere-se à formação de um bloco histórico, no sentido gramsciano, no qual a burguesia dirige os setores subalternos sem eliminá-los. Entretanto, de modo diferente, quando trata de uma sociedade abigarrada, Zavaleta refere-se justamente à desarticulação entre esses modos de produção e à consequente falta de dominação explícita de um sobre outros. “Con justa razón, el término mismo de articulación ha sido discutido porque sin

duda no se trata de un acuerdo entre diversidades, sino de una calificación de unas por otras de tal suerte que ninguna de ellas mantiene la forma de su concurrencia” (ZAVALETA MERCADO, 1986, p.104).

Como mostra Tapia (2002), a noção de abigarrado surge para evidenciar não apenas a falta de articulação entre os modos de produção, mas, sobretudo, nas outras dimensões da vida social, principalmente a política em sociedades que, como a boliviana, tiveram um desenvolvimento débil do capitalismo.

Como foi mencionado, o momento constitutivo das sociedades andinas na Bolívia está relacionado ao desenvolvimento da agricultura dos Andes. Ali, a subsistência dependia da relação com outras comunidades, de diferentes pisos ecológicos (diferentes altitudes, climas etc.). Ali, o espaço predominava sobre o tempo (ZAVALETA MERCADO, 1986). Trata-se de um tipo estacional de agricultura, que não é compatível com o tempo histórico do modo de produção capitalista. Com a dominação colonial, e mesmo após a independência, esses modos de vida andinos não foram abolidos. Quando foram influenciados, também exerceram influência nos modos de vida dominantes:

Debe decirse aquí no solo que las formas comunitarias no han sido disueltas a partir del núcleo que emite (en teoría) la iluminación sino que, aun en el grado en que ello ha ocurrido, que es débil, no se puede practicar la abolición sin que el núcleo que ilumina o suprime conserve cierta resaca o subdeterminación de parte de aquello mismo que ilumina o suprime (ZAVALETA MERCADO, 1986, p.106).

Quando se percebe que a sociedade boliviana atual, passadas quase três décadas das teorizações de Zavaleta, percebe-se a vigência de algumas características, tais como a coexistência de diversos tempos históricos e modos de produção, ficando clara a importância do conceito de formação social abigarrada. Há, ainda, pelo menos duas inferências possíveis de serem feitas a partir dessa teorização, que a tornam ainda mais relevante para a contemporaneidade. A primeira é que as categorias criadas por Zavaleta para estudar realidades como a boliviana podem servir, em grande medida, para estudar a realidade de inúmeras sociedades que passaram por processos de colonização e de industrialização tardia ou subdesenvolvimento do capitalismo. Neste sentido, pode ser fundamental para o estudo da maioria das sociedades subalternas. A segunda ampliação possível é transplantar o conceito de sociedade abigarrada da Bolívia para todo o continente latino-americano. Nas discussões marxistas acerca da América Latina – e nas críticas ao marxismo latino-americano também – é sempre reiterado o debate em torno da possibilidade ou não do subcontinente ser considerado um objeto de estudos, da existência ou não de uma identidade latino-americana que permita unificá-

la como objeto de análise. O conceito de formação social abigarrada, portanto, pode contribuir muito para orientar uma análise marxista da realidade diversa e complexa da América Latina, buscando a partir de uma teoria geral entender as particularidades de cada país, suas relações interna e externamente e, conseqüentemente, aprofundar a análise social do subcontinente como um todo.

Como em qualquer construção teórica e política marxista, o objetivo de Zavaleta é a transformação radical da sociedade, o fim do capitalismo. Para isso, sempre pensando a realidade concreta da Bolívia, ele discute o papel do proletariado e de outros setores subalternos vinculados a esses tempos históricos diferentes do capitalista, nessa transformação. Daí surge o debate sobre a *autodeterminação das massas*.

É indiscutível que a interpretação da Bolívia, inclusive as mais conservadoras, principalmente a partir da revolução de 1952, tinha como eixo central o proletariado, especificamente o proletariado mineiro. Entretanto, a partir da mobilização de massas que durou 15 dias em novembro de 1979 e expulsou o presidente golpista Alberto Natusch Busch e na qual foi definitivamente rompido o chamado pacto militar-camponês na Bolívia (ZAVALETA MERCADO, 1983, p.222), com a atuação dos sindicatos camponeses na luta em conjunto com a Central Obrera Boliviana (COB), reapareceu um elemento importante da luta de classes e da resistência social boliviana: o camponês-indígena. A partir dessa crise e da percepção de que as formas de mobilização indígenas estavam sendo incorporadas na luta de classes tradicional boliviana, Zavaleta passa a considerar elementos da história de resistência indígena em suas análises mais gerais da história e da sociedade bolivianas.

A ampliação da centralidade proletária em direção à autodeterminação da massa, portanto, produz uma melhora nas condições de explicação da história boliviana, a partir de dois processos paralelos: o primeiro é a acumulação no seio da classe trabalhadora, que é a forma dinâmica de existência da centralidade proletária; o segundo é a possibilidade de um novo sujeito coletivo, de uma nova intersubjetividade, em um momento de crise profunda como foi a de novembro de 1979 (TAPIA, 2002). Para Zavaleta, como já mostrado, os momentos de crise geral das sociedades abigarradas são importantes tanto analiticamente quanto como momentos constitutivos. Assim, novembro de 1979 foi como um compilado da circulação hegemônica na Bolívia:

En todo caso, la crisis de noviembre reprodujo de una manera casi física los términos constitutivos tanto de la historia nacional-popular del país como los recuerdos más conservadores de la clase dominante, o sea que cada uno de los polos recordó su

historia, como si lo de hoy no fuera sino la obligación de lo que dormía en el pasado (ZAVALETA MERCADO, 1983, p.221).

Quando se refere aos termos constitutivos da história nacional-popular do país, Zavaleta fala do ressurgimento do movimento camponês-indígena como protagonista nas lutas sociais do país, trazendo seus métodos de luta e toda sua cosmovisão. Para Zavaleta, a classe é formada pela sua posição estrutural no sistema capitalista, mais a sua história, seu acúmulo cultural: a classe é conformada pelo desenvolvimento como sujeito político no nível da cultura, a partir das determinações estruturais (TAPIA, 2002, p.261). Neste sentido, na incorporação destes movimentos às mobilizações operárias, se dá um processo de ampliação da centralidade proletária para a autodeterminação das massas, e ao mesmo tempo um resgate dos termos constitutivos da história popular boliviana. Como a COB era ainda a síntese da sociedade civil boliviana, essa massa se articulava em torno dela, sob sua direção democrática, conformando um bloco histórico, no sentido gramsciano. O conceito de massa em Zavaleta surge, portanto, na conjunção da centralidade proletária com o conceito de bloco histórico gramsciano. Essa é a massa que se levanta e que atua como sociedade civil em movimento, em ação, o que só acontece em momentos de crise, nos quais a sociedade está preparada para que as massas entrem em ação: no caso boliviano, a centralidade proletária através da COB havia-se convertido na síntese da sociedade civil, e era a partir dela que existiam as condições para que as massas entrassem em movimento enquanto tais. As massas eram dirigidas pelo proletariado, mas não deixavam de ser as massas que estavam em ação, e não simplesmente a classe trabalhadora.

Cualquiera que sea la evolución del pensamiento general sobre la cuestión obrera, no hay duda de que aquí la masa se ha constituido en torno a la interpelación proletaria. Desde el punto de vista del estudio del Estado, la crisis de noviembre es sin duda el mayor acto separatista de las masas fundamentales con relación al molde hegemónico del Estado de 1952. (ZAVALETA MERCADO, 1983, p.220)

É interessante notar que se articulado de forma democrática, o bloco histórico dirigido pelo proletariado e conformado a partir das irradiações de sua própria centralidade na sociedade civil boliviana, que no momento de crise geral conforma as massas em ação, tende à diminuição da própria centralidade proletária, na medida em que engloba setores provenientes de outros tempos históricos e outros modos de produção na sociedade abigarrada que é a Bolívia. Com a conformação desse bloco, que é ainda uma ação de centralidade proletária, mas que aponta em alguma medida para a crítica do corporativismo no seu seio, passa a buscar a autodeterminação e a autorepresentação das próprias massas, não mais apenas da classe operária.

La nacionalización que se da en noviembre del 79 es una nacionalización profunda, por lo menos en dos sentidos. Por un lado, retoma raíces o tradiciones, en particular la del movimiento obrero que es una historia más moderna, pero también la tradición de rebeliones kataristas. Por otro lado, echa raíces en la medida en que se trata de un proceso de configuración de un nuevo bloque histórico. Es un momento de fusión, en este sentido, fundacional de grupos sociales. Es una fusión a la que concurren obreros, campesinos indígenas y amplios sectores de capas intermedias (TAPIA, 2002, p.271).

O movimento classista se irradia sobre um meio composto determinado, concreto, e a história da classe é parte desse seu meio composto. O meio composto, por sua parte, como encontro de diversos grupos sociais em um bloco, é também fruto da irradiação da centralidade proletária em uma sociedade que é abigarrada. A partir desse meio e desse encontro se gera também um sujeito composto e uma nova intersubjetividade, que no caso da crise de 1979 representa uma ruptura com o nacionalismo revolucionário e um sentimento separatista de autodeterminação dessas massas em separado do Estado.

A crise de 1979 é um momento de encontro ou reencontro entre o movimento operário e o movimento camponês, é o momento da real recuperação da aliança operário-camponesa na Bolívia. Neste sentido, as formas de mobilização e a própria cosmovisão indígena reaparecem com muita força no movimento de massas boliviano. Zavaleta apreende esse fenômeno e enriquece sua própria reflexão sobre a história boliviana, buscando seus momentos constitutivos também nas mobilizações e crises proporcionadas pela resistência indígena.

A crise de 1979, portanto, se configura como um momento constitutivo fundamental para a Bolívia contemporânea, para pensar as formas de mobilização da sua sociedade civil e os sujeitos coletivos que atuam sobre elas. Além disso, *Las Masas en Noviembre*, a obra na qual Zavaleta analisa essa crise, pode ser considerada – com base num contorcionismo conceitual que utilizo aqui como metáfora – como um momento constitutivo da intelectualidade boliviana atual, na medida em que influencia de forma determinante grande parte dos intelectuais de esquerda bolivianos posteriores à obra, e de certa forma está refletida nos debates políticos mais atuais da Bolívia.

A crise de novembro de 1979 provoca, portanto, um encontro de Zavaleta com a realidade mais profunda da Bolívia, transformando seu marxismo através de um procedimento de complexificação, na medida em que ele é cotejado com a realidade empírica e diversificada de um país como a Bolívia. Luis Tapia (2002) chama esse processo de nacionalização do marxismo: a interiorização, pelo autor, do marxismo como concepção de mundo a tal ponto que se converte em uma forma de pensar o conjunto de relações e experiências locais e cotidianas e o leva a

produzir, a partir de um arcabouço teórico e de uma concepção de mundo mais geral, conhecimento local específico, o que por sua vez, contribui e desenvolve a teoria mais geral, que é o marxismo. A isso Tapia chama de subsunção real à teoria geral da época, o marxismo. Isto é o que diferencia Zavaleta dos marxistas bolivianos do século XX que, em geral, produziam conhecimento a partir de um processo de subsunção formal à teoria, sendo a realidade local selecionada e adaptada para caber nos esquemas mais gerais de reprodução da teoria marxista. Essa é explicação encontrada para o pouco cuidado das correntes mais tradicionais do marxismo boliviano com a caracterização profunda e concreta da diversidade de sua sociedade, de seus explorados e, portanto, das próprias condições objetivas para a revolução socialista. Os intérpretes estalinistas por um lado, em geral vinculados ao Partido Comunista de Bolívia (PCB), caracterizavam a Bolívia como semifeudal, com a necessidade de uma revolução burguesa para depois construir o socialismo. Por outro lado, os trotskistas, tais como Guillermo Lora, consideravam as formas não capitalistas na Bolívia como um atraso que deveria ser necessariamente superado, ainda que essa tarefa não tivesse que ser cumprida pela burguesia, mas sim pelo proletariado. As teses de Pulacayo, de 1946, documento de reconhecida inspiração trotskista redigido por Lora para o Congresso Extraordinário da Federação dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia, afirmavam que a particularidade da Bolívia consiste

en que no se ha presentado en el escenario político una burguesía capaz de liquidar el latifundio y las otras formas económicas precapitalistas (...) Tales tareas burguesas no cumplidas son los objetivos democrático-burgueses que inaplazablemente deben realizarse (PULACAYO, 1946, p.2).

Ao que parece, trata-se de fato da adaptação de uma realidade local bastante particular a esquemas mais gerais de interpretação, com pouca preocupação com a mediação concreta entre essas instâncias<sup>2</sup>. Zavaleta, com a subsunção real à teoria marxista, no sentido de movimentá-la, nacionalizá-la e desenvolvê-la a partir da realidade local boliviana, produziu categorias de análise importantíssimas para compreender sociedades heterogêneas, subalternas e que passaram por

---

<sup>2</sup> Aqui talvez seja necessário um breve parêntese: no que diz respeito a sua – para muitos estranha – aproximação e vinculação, mesmo estando no México, com o Partido Comunista da Bolívia, não se pode afirmar que haja uma coerência teórica entre seu pensamento político e a produção histórica do partido na. Em alguns momentos da vida, Zavaleta chegou a demonstrar simpatia por teses trotskistas, por exemplo, mas sempre de forma reticente e afastada do que foi a militância concreta trotskista no país, principalmente vinculada ao POR. Parte desses relatos pode ser encontrada – numa análise bastante parcial do pensamento de Zavaleta, é verdade, mas em alguns aspectos elucidativa – em um texto de Guillermo Lora, chamado “El Errátil Zavaleta”, disponível em suas *Obras Completas*, tomo LVII. La Paz: Masas, 2000, pp. 311-319.

É interessante notar, também, como grande parte do “anti-trotskismo” de muitas correntes de marxismo crítico na Bolívia está relacionada às críticas concretas à militância e às construções programáticas do POR. Em geral, quando se critica o trotskismo, mesmo que teoricamente, muitos autores – como Zavaleta, mas também contemporâneos – estão na verdade criticando a história política do POR e outras iniciativas autointituladas trotskistas na América Latina, muito mais do que o que o se poderia chamar de um arcabouço teórico trotskista.

processos de colonização, vínculos diretos e dependentes com o imperialismo, e subdesenvolvimento capitalista. Neste sentido, o pensamento de Zavaleta tem potencial de assentar as bases para um marxismo renovado na Bolívia e, de certa forma, em toda a América Latina, ainda que seu trabalho por enquanto seja pouco conhecido na maioria dos países do continente.

Na Bolívia, a influência de Zavaleta é sentida de forma bastante clara. Luis Tapia, que teve como trabalho de doutorado uma análise profunda sobre a obra de Zavaleta, *La Producción del Conocimiento Local*, e em grande medida continua a elaboração de muito do que ficou nela inconcluso, desenvolvendo conceitos e elaborando novas categorias a partir da obra zavaletiana é o maior exemplo. Categorias como a de sociedade multicivilizatória (TAPIA, 2009) e condição multisocietal (TAPIA, 2002b) são apenas dois exemplos ilustrativos, os quais não cabe aqui desenvolver. Álvaro García Linera (2010), por sua vez, incorpora a noção de ampliação da centralidade proletária às suas análises, a partir de uma descrição bastante detalhada da situação atual boliviana e sobre quem seria o sujeito revolucionário. Zavaleta amplia o horizonte da centralidade proletária, mas não retira do operariado a condição de articulador do bloco histórico contra hegemônico. O fechamento das minas, em 1986, e o advento do neoliberalismo provocaram uma dispersão e desorganização profundas na classe operária boliviana. Em decorrência, algumas questões ficam em aberto a partir da obra de Zavaleta, e autores como Linera e Tapia buscam desenvolvê-las, em grande medida, a partir das construções teóricas do autor.

Além disso, é inegável a influência das questões colocadas por Zavaleta na organização atual do Estado boliviano, que busca ser plurinacional, seguramente relacionando-se com uma noção de sociedade abigarrada, com tentativas muito limitadas de processos de autorrepresentação dos movimentos (das massas) e de democracia direta, para citar apenas dois exemplos. O que é buscado é, em linhas gerais, tornar o Estado menos “aparente” e com mais vínculos orgânicos com as diversas matrizes sociais existente no país. Não se trata aqui de exaltar o Estado plurinacional boliviano, mesmo porque os limites deste processo têm ficado cada vez mais claros, mas de demonstrar como a produção teórica de Zavaleta está enraizada em todo o pensamento crítico no país, e como exerce influência real nos rumos políticos da Bolívia ainda hoje.

## **Conclusão**

Em *Las Masas em Noviembre* e em toda a extensão marxista de sua obra, Zavaleta cumpre pelo menos dois papéis importantíssimos para a intelectualidade boliviana e latino-americana. O primeiro é o de, a partir da crise de novembro de 1979, incorporar na análise histórica e política, e em toda a reconstrução da interpretação da Bolívia, ebm como no pensamento de um programa de ação política concreto para o país, a história indígena e as formas de mobilização cultural indígenas. A partir daí, a história subalterna da Bolívia, com a centralidade proletária, é enriquecida com este aspecto que não pode ser negado nas sociedades andinas, e que aparece de forma mais latente nesse período de crise. A partir de Zavaleta, o indígena passa a ser parte incontestável do “nacional-popular” na Bolívia, em toda e qualquer análise que se faça da sociedade do país andino. Isso, para o marxismo boliviano, foi de fundamental importância.

O segundo papel importante, cumprido pelo autor, foi o de, a partir dessa percepção e incorporação, ampliar o horizonte da centralidade proletária. Da centralidade proletária se passa a falar da autodeterminação das massas, através de um bloco histórico nacional-popular (a massa) que se organiza dirigido pela classe operária, mas que conta com meios de mobilização, intersubjetividade, cultura e pautas políticas vinculadas também às populações indígenas. Ao que parece, Zavaleta é o primeiro a perceber isso dessa maneira na esquerda boliviana. Atualmente, com a dispersão e desorganização da classe trabalhadora, produzidas a partir das políticas neoliberais, há uma corrente de pensamento político, vinculada ao grupo Comuna, que argumenta sobre a existência de uma inversão nestes papéis, e passa a construir um programa de centralidade indígena-camponesa que envolva, também, as causas proletárias, agora não mais organizadas como eixo de articulação da sociedade civil boliviana, como antigamente. Novamente fica evidente que o pensamento de Zavaleta exerce influência e segue sendo “desenvolvido” no país, mais de vinte anos após sua morte.

A incorporação da cosmovisão indígena, dos modos de produção econômica, política e cultural dos andinos, de um programa que os inclua e no qual eles sejam protagonistas, não parte, portanto, simplesmente de uma aparição repentina dos indígenas ou do caráter étnico na história boliviana a partir dos anos 80, com o neoliberalismo e a dispersão do proletariado. O caráter étnico não passa a unificar grandes setores da Bolívia só a partir daí. Isto sempre aconteceu na história da Bolívia, e as rebeliões indígenas, desde Tupac Katari em 1780, passando por todo o século XIX e chegando a Zárate, o Temível Willka, são provas disso. A participação dos camponeses, identificados entre si principalmente como indígenas, na revolução de 1952 também faz parte desta história. Mas é só a partir da crise de 1979 e, principalmente, da sistematização

teórica de Zavaleta, que parte da esquerda marxista incorpora esse debate e passa a considerar essas cosmovisões em suas análises e na formação de um novo programa para a sociedade boliviana. É só a partir daí que são incorporadas essas outras histórias – das subversões, da cultura, da cosmovisão e das formas de luta indígenas – à história geral boliviana, e que se passa a buscar caminhos de síntese.

Zavaleta foi, então, fundamental, para perceber uma realidade existente, elaborando categorias de análise e analisando a realidade histórica propriamente dita, em sintonia com os movimentos contemporâneos a ele e, principalmente, por inaugurar uma tradição de pensamento social marxista na Bolívia, de esquerda, mas que buscasse vínculos orgânicos com o pensamento, as formas de vida e a atuação política das comunidades indígenas, vínculos estes que trouxessem possibilidades de sínteses teóricas e, conseqüentemente, de sínteses políticas no país andino.

Por tudo o que foi apresentado, fica claro que a produção teórica de Zavaleta, apesar de ainda pouco conhecida no Brasil, é importantíssima e deve ser estudada profundamente pelos marxistas latino-americanos, por pelo menos três motivos. O primeiro é que ele desenvolve categorias analíticas importantes e bastante úteis para a compreensão das realidades heterogêneas e diversas encontradas em todos os países do subcontinente, em maior ou menor medida, como as mais discutidas neste trabalho, de “sociedade abigarrada” e “autodeterminação das massas”. A partir do desenvolvimento dessas categorias e das análises históricas e sociais feitas sobre a realidade boliviana, o pensamento zavaletiano assentou as bases para um marxismo renovado na Bolívia, que conseguiu, em alguma medida – e esse processo ainda está em andamento –, englobar os setores indígenas nas análises, e teve influência direta na vitória ideológica contra o neoliberalismo e no processo de mobilização de massas que levou à derrota desse sistema entre os anos de 2000 e 2005. Por fim, a forma de utilização do marxismo por Zavaleta, na última fase de sua produção teórica, parece ser um exemplo de como relacionar uma concepção de mundo vinculada a uma teoria geral da época – o marxismo – com as condições objetivas, específicas e complexas que são impostas pela realidade concreta no qual todo e qualquer marxista deve, em última instância, basear suas análises.

## **Referências**

GIL, Mauricio Q. Zavaleta Mercado: ensayo de biografía intelectual. In: IBARGÜEN, Maya Aguiluz; MENDÉZ, Norma de los Ríos (Coords.). *René Zavaleta Mercado. Ensayos testimonios y re-visiones*. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2006. p. 93-110.

MINEROS DE BOLIVIA, Federación Sindical de los Trabajadores. *Las Tesis de Pulacayo (1946)*. Disponible em: <http://www.pt.org.uy/textos/temas/pulacayo.htm>. Acceso em: 19 ago. 2011.

SALA, Lúcia. René Zavaleta: un hombre, un pensamiento, una época. In: IBARGÜEN, Maya Aguiluz; MENDÉZ, Norma de los Ríos (Coords.). *René Zavaleta Mercado. Ensayos testimonios y re-visiones*. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2006. p. 149-156.

TAPIA, Luis M. *La producción del conocimiento local: historia y política en la obra de René Zavaleta*. La Paz: Muela del Diablo, 2002.

ZAVALETA MERCADO, René. *El poder dual: problemas de la teoría del estado en América Latina*. 2.ed. Cidade do México: Siglo XXI, 1977.

\_\_\_ Las determinaciones dependientes y la forma primordial. In: ARAVENA, Francisco Rojas. *América Latina: desarrollo y perspectivas democráticas*. San José: Flacso, 1982.

\_\_\_ *Las masas en noviembre*. La Paz: Juventud, 1983.

\_\_\_ *Lo Nacional-Popular en Bolivia*. Cidade do México: Siglo XXI, 1986.

\_\_\_ *El Estado en América Latina. Obras Completas*, tomo 3. La Paz: Los amigos del libro, 1990.